

MELINDRES

Adriano B. Espíndola Santos

SÃO 17H. DEPURO-ME, demorado, de enjoos antigos. Já não tenho o instinto natural de tomar pé da vida. A casa; ah, a casa não me ajuda em nada: enorme, um oco de mim. Morcegos alojados entrançam rasantes. E as coisas, que são coisas, nada mais, atulham o meu ir e vir, escasso. Cerrado nesse quinhão, omito-me os males de uma vida procrastinada; e sigo, ou, para os mais pessimistas, me entrego ao porvir.

Ouçõ passos próprios, definidos. Tenho medo, não de mãe, mas de ficar doido, obcecado, feito pai. O miserável sentia e vivia o que não existia. Punha a culpa no mundo, no tempo, no vento, na chuva. Sim, na bendita chuva, que não faz mal a ninguém. Chuva só faz bem. Chuva é expurgo, renovação. A chuva de meu pai, no entanto, era motivo de devassidão; e era torrente, desastre; calamidade. Aliás, tudo nele, e para ele, era calamidade. Mãe, sim, era chuva. Chuva, que rima com luva; a de pelica: doce, leve, felpuda. Mas mãe me fugiu branda. Talvez fosse a continuidade da paz.

Persistem as andanças fugazes, que não consigo acompanhar devido à sutileza no toque, e se esvaem pelos recônditos perdidos da casa. Ah, a casa: um vãõ, em vãõ. Tento segui-los: irrealizável; se esgotam à medida que me aproximo. Penso em me esconder – mas como, burro,

me ocultar de uma alma onisciente? Recordo-me que preciso de mãe mais que tudo, para lhe roubar a paz. Quero, na verdade, sentar-me ao pé da janela da sala, dispor as cadeiras seculares nas tábuas a gemer no chão, com os nossos copos de café de fim de tarde a tira colo; ao pingado da chuva, tocar-lhe e sugar suas energias, recobrar a sua, que é minha, paz.

Um chuvisco começa a cair e molhar a terra, lá fora. Odeio clichê, mas sou obrigado a dizer: remete-me à Madeleine, a memória mais singela; alguma coisa que não concebia poder sentir. Essas insignificâncias me deram fôlego, pelo menos para respirar e sair daqui. Preciso comprar pão, *otras cositas más* e, oxalá, Madeleines. Depois da chuva. Tudo depois da chuva. Ficarei a acompanhar mãe; só nós dois, apreciando a chuva. “Chegue-se, mamãe!”, chamei-a, insistente, a ponto de perder a paciência.

Senti-a pertinho de mim, com o veludo de suas mãos a tracejar minha pele, como se mostrasse um plano, uma saída: o calafrio... Não foi por muito tempo: a chuva excita-a. Preferiu bailar pela imensidão. Ela é livre. Eu sou preso. A mim me importa que está feliz. Quem sabe esse instante de paz não seja ela.

Adriano B. Espíndola Santos

Natural de Fortaleza, Ceará. Autor do livro *Flor no caos*, pela Desconcertos Editora, 2018. Advogado humanista. Mestre em Direito. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.